



ASS
E PARTURE

BOARDING PASS
MENDES/ALICE MRS
NEW YORK KENNEDY
RIO DE JANEIRO

ESCREVO PORQUE NUNCA LIGUEI BÊBADA

Alice Mendes

AND ONLY)
S, ALICE
DC
/ 27 / 1989 28Y
24529591
DOS 10

amaldete

ESCREVO PORQUE NUNCA LIGUEI BÊBADA

Alice Mendes



1ª Edição | Belo Horizonte | 2022

Copyright ©ALICE MENDES, 2022

Editor ÁLVARO GENTIL

Produção executiva PAULA PESSOA

Projeto gráfico e diagramação CAROLINE GISCHEWSKI

Colagens de capa e miolo ALICE MENDES

Ilustrações RAFAEL RODRIGUES

Todos os direitos desta edição reservados a ALICE MENDES.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização por escrito da autora e da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Catálogo na Publicação (CIP)

Mendes, Alice, 1989-

M538e Escrevo porque nunca liguei bêbada / Alice Mendes ; [ilustrações de Rafael Rodrigues]. – 1. ed. – Belo Horizonte : Ramalhete, 2022.
116 p. : il. p&b.

ISBN 978-65-88959-82-4

1. Poesia brasileira I. Rodrigues, Rafael II. Título.

CDD:B869.15

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334


ramalhete

Rua Domingos Vieira, 319, sala 1008, Santa Efigênia.

Belo Horizonte, MG. CEP 30.150-240.

editoraramalhete.com.br

“Mas tantas timidezes se esvaíram
E este meu corpo agora não as tem

E atravessando os mármore e muros
Como se fossem mais muros de vento,
Passeio nos jazigos.”

“Queres o verso ainda? Assim seja.
Mas viverás tua vida nesses breus.”

Hilda Hilst

Dedicatória
Este vai para mim mesma
Para meus tormentos, e cadernos.

Aos meus pais,
Peço desculpas
Não têm nada a ver com vocês.



Não sei escrever um prefácio.

A minha relevância é digna de uma consideração apenas recebida pelos meus gatos. Posso dizer um pouco do que sinto, na esperança de que, talvez, um de vocês encontre uma célula específica do corpo por aqui. (meus insanos que adquiriram esta obra).

Pois bem, criar histórias sempre foi meu universo verdadeiramente habitável.

O presente nunca me coube. Eu pertenço a todos os lugares, e a nenhum.

Nasci em uma tradição familiar de escritores, portadores de extremo grau de decoro. Minha linhagem compreende pessoas que não usam palavras chulas ou vícios em seus relatos.

Mas, como em toda família, alguém sempre deve rasgar o lençol da hipocrisia, para libertar o sufoco asmático geracional, eis que me proponho a tal papel.

Não me importo na exposição de sentimentos passados, e presentes contidos nesta coleção. A minha história, tão floreada em fotos e filtros, na verdade não passa de uma tortura coronária.

O verdadeiro desejo não é a recompensa financeira por minhas palavras digitadas ou o reconhecimento de meus

calos proeminentes em dedos magros, mas, sim, o meu urro. Pretendo gritar para o estádio em colapso chamado “pessoas que conheço”.

Meu berrante do cerrado se fez uma caligrafia medonha, e agora traduzida para o idioma dos brasileiros.

Não apenas me escutem

Permitam que minha voz alcance todos que me conheceram.

De uma forma ou de outra, essas palavras me contêm, e não mais tenho vergonha ou medo de qualquer repercussão.

Te vejo do outro lado,

Ass:

Garota do Cerrado e da Estrada Real.



N O
banco
do passos



Amorim
o L&L&O

THE
HEART

JESSA
MEEGH

Em refúgio do mundo
Me convenci que mais vale
Ser coadjuvante
Que nunca existir

Carrego assim, sobre minhas costas
Esta mochila
Onde se pode
Viver.

Mundo alveolar
Nem conquistas
Nem derrotas

Aceito meu descarte de ofício.

Mulher de prestação excessivamente onerosa
penhorada de qualquer direito adquirido.

dedicou congelar minha competência nesse freezer de
animais abatidos
meus companheiros.
enquanto procuro meu necrotério particular.

vou me diluindo em pequenos frascos enquanto
faço de mim comodato para o mundo.

atentatória à dignidade da existência,
consolido meu ser a um eterno vício de consentimento.

Em minha vida secreta
Revisito lembranças diagonais
E altero as peças do tabuleiro empoeirado
Como em um jogo dos sete erros.

Nela, minha juventude é remodelada me preenchendo de
uma euforia quase onipotente

Traço escoamentos para onde minha presença seria
suficiente.

Tudo isso enquanto realizo trocas gasosas geladas
atmosféricas.

Minha vida secreta também engole cristais e cheira grifes.
Cocaína capitalista.

Meus vícios se fazem meus servos
Quando me deparo com a felicidade da tensão superficial
do limiar entre prazeres terrenos e enlace espiritual.

Oferecida aos nossos lençóis,
Aguardo sua chegada
Para que nossos dedos se entrelacem
Em frente ao muro de rosas
De um indutor do sono.
Juntos exploraremos sonhos divergentes.
E Mantendo os corpos unidos,
Habituaremos dois espaços ao mesmo tempo.

PRELÚDIO

Perdida nos corredores
De uma década perdida
Se encontra
minha ausência de vida

o bloco de prédios
dele
dela
meu

tatuado em um código genético
de pré-natal.

esse amor de instrumentação cirúrgica
vive no décimo andar.

na plenitude de alguém que não existe
e, portanto, detinha todas as possibilidades do mundo

inclusive
nunca
vir a ser.

Não passo de uma fagulha no precipício da quase
existência
dançando com as possibilidades
ao ritmo dos anos 80.

Para aceitar ter sido menos calada.
antes da prescrição
dessa dívida

Almejo que nosso romance frustrado
também colonize uma nuvem sobre sua cabeça.
Na qual você possa usar de agasalho
para fugir da vida quando algo doer.

Sabendo que foi
O meu puro amor.

e, para finalizar:
deveria ter te tomado ali, adolescente, após jogar todos
os bichos de pelúcia de sua irmã no chão sob seu olhar à
espreita na porta.

Ali marcaria meu corpo exclusivo seu,
exatamente onde os milímetros de minha pele
sopravam teu nome.

sempre o objeto
nunca o sujeito

cuspidas nos últimos vinte anos.
“você já tem corpo de mulher”.

clube das desprovidas de afeto
restritas às prateleiras de açougues.

argamassa no rosto, embrulhada à vácuo
entregue de presente.
este corpo, minha moeda de troca, no plenário masculino.

A cada dia
O arrependimento
De não ter
Despertado
Uma hora antes

Para ser verdadeiramente minha.
No único trecho de tempo possível
Onde apenas eu existo.

Deixe me entrar pela janela da casa escondida de meus pais
Com desculpas de adolescer;
E não mais tentar fugir.
Forço meus olhos
Em direção
À perene
Coabitação dos cinco dedos
Em voos noturnos.
O céu canadense
Já cobre os 300 metros quadrados
Que essa família chancelou.
Antes de dormir,
Estarei sempre retida nessas horas.

Pague sua vida no débito,
Sou o perfeito exemplo
De créditos.
Meu desconto:
Uma burocracia de roubo.

Não sei se já totalizei 100%
Será que alguém ganha porcentagem na vida
Ao invés de perder?
Se alguns descontos
Podem ser lucros,
Por favor
Me aceite como penhor.

Minha felicidade floresce em noites intoxicadas
Quando meus olhos são impossibilitados de delimitar um foco.

Na segurança de uma cama
Na jurisdição de uma tela
Em terminais de aeroportos de uma quina.
Nas despesas do conforto de casa
Aguardando os dias para o próximo voo
Romaria guiada por pílulas e melodias de Nick Cave
Promessas de sabor das manhãs de aeroporto
Inebriada de café ruim de aviões e passeios noturnos pelos
[corredores
Embaladas por sujeitos em sono profundo

Eu, mais desperta que nunca.

A realidade é que não vivo de forma concreta entre esses
[momentos de libertinagem.

Apenas existo em estado de fuga.

acordei com ressaca de mim mesma
os lábios suturados,
enfim libertos
após 18 anos de exorcismo.
demandando que o mundo se destrua como eu.

Minha cabeça
Esforça-se
Tentando delimitar
o exato segundo em que
Abdiquei de meu amor-próprio.

Como a cada mês
Desci um degrau
Na humilhação.

Agarrada a seu desprezo,
Procurei
Mendigar
Estilhaços
Desse coração
Completamente interdito para mim.

Como em uma cena de crime,
Eu, a autora e a vítima dessa história.



ASS

DE CRUSHES

LIEBE IST FÜR ALLE DA

TRISTE DE TARD

SHE-HOFS/A-LICE MIRA
NEW YORK JENNEDY

JASMIN ET CIGARETTE
RELI MENTE LE CIGARETTE E PER SMOKE
CIGARETTE

REVIEWS

CUT OUT

NO SMOKING

L'AMBIANT ONLY
WENCER, ALICE
March 13 / 27 / 1999 CITY
0524820691

NO SMOKING

TRASH

NO SMOKING

Ousadia dizer que não existe máquina do tempo.
Que mais seria o arrependimento?
O viajante que
Desconhece as nações nervosas
Que atrapalham minha negociação
Com o futuro.

Seguro esta fotografia
que discursa em código.

Capturei o acontecer.

Entrei.

Vou descartando estátuas, enquanto percorro seus arredores.
Visitarei essa amplitude em
minhas ressacas de existência.

E quando o relógio me fatigar,
da peregrinação retornarei.

sem bagagem.

Apática no elevador
com olhos trancados
sinto todo seu movimento de descida.

busco meu suco de
desesperada e calejada
com a força vital que apaga meu descaso.

meu sufoco transborda esse apartamento
dou voltas imaginárias em suas arestas

vivo a deserção em primeira pessoa.

a depressão é como um odor que libero e flutua como um
[borrifar até se dissipar na nuvem de seus celulares.

sou adulta e desvalida

tudo ao meu redor grita solitária

Há muitas luas,
Esconde-se
O primeiro contentamento
De garota
Estelionatária dos vinhos de sobremesa.
A mesma que ocultava deglutições em banheiros,
Escoando a correnteza das uvas.
Suas pernas tremiam
Pela ascendência do álcool
E por conta do atrevimento
Do prazer do sentir mulher.
Em seguida
Integrou
suas pernas
sobre
a conjuntura masculina.
Como uma advogada de sua recém-descoberta libido.
Uma lascívia
Que
Descamava o verde dos frutos.

Experimentou o império do feminino,
Em decúbito dorsal, pela primeira, e mais deliciosa vez.

A infelicidade de não ter dormido ainda impõe questões
Sobre respingos traçados na ponta de sua língua.
Que Interromperam aquele gosto de homem.
Não importa,
O carimbo de sua inauguração.
Não responde ao decoro.
Pois esse é ilusório,
Quando se trata
De uma jovem
Embrulhada como oferenda,
de seu corpo e coração.

Uma vida tão jovem
Golpeada por
Uma forma de amor
Que não se tem direito
A voto
Nas urnas
Da vida.

Há dias
Que me vem
Uma vontade
De saber sua opinião
Sobre a série x
Sobre como reagiu aos acontecimentos poluentes
[desta década.
Se invadi sua memória.
Mas a maior sujidade
É o universo paralelo de nuvens
Que revive
Nossa
Relação interrompida

Meu único alívio vive no
suportar
essa coluna de mercúrio.

Retiro a bombinha do coração
Para expirar dentro desse campo magnético.
Inquilino residente.
Domingo nunca havia sido tão doce.

sommelier de águas
que habita
a fina camada entre dois mundos.

encosta na brisa do
pós-vida
e repousa na direção contrária
sobre o sonho intergaláctico
de transição
do limiar do prazer x morte.

escovei meu corpo até sangrar.
Vesti sua camurça de mulher.

dois quarteirões até seu prédio.
atriz roteirizada
de um único papel.

mãos elogiavam minha feminilidade
desejei outro nome a esses dedos.

estupidez de uma jovem
que desconhecia
o delivery de seu corpo.
IML sob demanda.

laparoscopia exploratória.

estuprador em série.

Remexo meu café sentindo um arrepio asqueroso
Que sussurra a mais podre das verdades:
Até de você eu gostei.

Cada pedra que pulei
Nesse dia sem autoestima
Carregou 500 reais
Em lágrimas.

Meus dedos:
Sanguessugas de aplicativos
que
Procuram uma solução
De segundos
Para cada dor que me aparece.
Não entende que
Quero tudo
E não quero nada?

Nem desta sala consigo evadir,
Uma semana afundando em gordura
Suspendida por gastos,
Destruída pela ressaca pecuniária,
procurando
Estradas que não encontram sentido.

Despertei pronta
Para chorar
Em meu túnel
De vulgaridade.
Deglutindo pílulas
E cápsulas
Em frente ao espelho.

Como uma burguesa romantizada na proximidade
[da morte.

“você tira a felicidade dos meus dias.”

recebi essas palavras enquanto seguíamos para a casa. metade entorpecida pela noite, fechei os olhos enquanto sentia o marasmo das esposas antes de mim. meu bálsamo reduzido. talvez seja pior causar a tristeza do que sugar a felicidade.

denota a sensação de abolir seu processo de edificação. rasguei a completude de seu ser. passo meus dias te abreviando com minha presença.

retirar: transitivo direto

deslocar, remover para trás ou para si; retrain, recolher, afastar.

“sofreu a mordida e retirou a mão”

segundo o Google e aparentemente o dicionário Oxford.

permaneci calada enquanto ele aumentava o som do rádio. Billy Idol na medida de sua brutalidade. abriu a janela, e separamos nosso custeio naquele momento.

apenas sei que desliguei a chave de nosso pronome coletivo, escoeí feito gasolina naquele carro. existia no volume de meu desatino. só.

a vida conjugal, um contrato de desculpas unilateral. tenho rubricado uma página diferente a cada dia.

esse mundo e eu
nos anulamos
a cada sístole.

A claridade apagou meu refúgio.
Meu esplendor desbota
Enquanto as outras vidas estreiam.

Meu corpo de jaula
Que reverbera decotes
De intenção
Em milímetros de indecência
Programada.

Neste estado de
Peregrinação
Para o velório,
A resistência do ar
Obstrui a vida
Dos de pé.

Presos em um aquário
De tristeza e anunciação.
Constricção na cabeça como
Uma meningite do luto.

O Cobre enferrujado na língua
Fortalece o centro de gravidade
Das noites que te deixamos
Nesse oceano de catarata.

Carrego a herança de mulheres sovadas.

extraviadas de pérolas,
aprendemos a digerir facas.

Incorporamos a postura robótica de um servidor público,
Aprendemos a tragar
meia década de traição,
na santidade dos casamentos sob ameaça de um fuzil.

tamanhas são as fístulas nestes corações cravejados,
cozidos em panelas de pedra.

vestir esse sangue é reconhecer firma em decretos
[sem utilidade.

cantarolamos indigestões enquanto irmãs
transgridem
em conluio
com os nossos maridos.

nos restam medicamentos expirados.
evitamos cuspir fezes no molde precário da vida de mulher.

quando o útero se fazia nossa morada,
mal sabíamos que a genética contraía matrimônio com
[a rejeição.

cozinhadas lentamente, com amor,
no líquido amniótico doce quanto o leite,
mas com suor de chorume.

superexpressão da má sorte
vivendo no escanteio do afeto
reprise de gol-contra
aconchego em marquises, sem direito a guarda-chuvas

enfileiradas para o afogar
em anfetaminas e diazepam.

agasalhamos cada dia, essa pele tão fina por um cautério
[de querosene.

assim, passou despercebido o momento em que nos
tornamos sibilos de poeira.
lambemos as solas de seus sapatos com a fome por sobras

imploro em nome de todas: salve essas almas, que já não
[resistem tamanha isquemia

espólio de aleitamentos escassos
repetindo ciclos de agressão e reparo.

até que um dia
anestesiadas em nossos caixões
em rosas brancas poderemos pousar.

não se enganem.
quando essa hora chegar
reparem no céu
as nuvens irão urrar
no momento que flutuaremos em fúria

Faremos adubo, finalmente , para que a próxima de nós
[floresça e escape dessa maldição incorporada.

Pelo chiqueiro da submissão emocional,
Eu os espanco. Eles gostam.
Infrinjo dor me vingando da pele masculina.
Maltratando na medida que virei este artefato lançado
[ao bueiro

Prazer
Válgas
decompria
depois da

não se
se no pro
na de
Koral nscg

MORTOS VIVOS



se houvesse
uma outra
evasão,
que não estas palavras

não hesitaria.

Mas sabes que uma condenada
Ao furto do alfabeto,
É uma necropsia na carne viva,

Que enfim,
te arrasta
E introduz à minha tanatologia.

Qualquer moeda de troca
Apta a expirar estes litros
De confidências
Para
Um dia
Quem sabe adormecer,

Sem o peso da obviedade
De que a tortura que me impôs,
Tramitou
Em simultaneidade
às suas noites de oblvio de meu nome.
Lastreado na medida de meu amor,
Engoliu-me em despejo,
Equiparando a ingenuidade
A um tipo de imundície secreta,
Necessária para seu coito de vaidade com o espelho.

Lacrada para o mundo,
SUA,
Me fiz de embrulho
maquilando defeitos,
Para me apertar
na dama de ferro
Que construiu
Para conter
Minha tentativa
De me achar alguém.
Digna de acariciar seus dedos
Perante nossa sociedade.

meu velho testamento
habitando algum órgão que desconheço,
pressionava minha figura,
Com o peso de uma penitência
Sem fim.

convidativa,
Perfumada por álcool e cigarros alheios,
Perdi-me sonhando
Com certo timbre
Tão particular.

A voz que nunca
Alcançar-me-ia,
Clamando seu domínio
dentro de algum carro.

Selvagem suficiente,
Para gritar o meu nome infantil,
E me guiar
A um momento despovoado,
No ponto mais alto desta cidade.

Traria um convite estendido
Aos faróis que destroem
Meu astigmatismo castanho,
Implorando seu brilho
Sobre meu espelho negligenciado.

Minha alma
Já quebrada,
permanecia
Intacta
Sob o véu
De uma parcela de fé
Do desejo de ser atingida,
Pelo sinal da inevitabilidade,
Dentro de meus rápidos passos pela madrugada.

Sublimava em mim,
um pequeno fragmento
de minha feminilidade noturna,
destinada a retornar às suas faculdades,
na manhã seguinte,

ignorando todas as chances
de nunca mais
encarar
tal olhar tão imperecível, mas inquieto em sua tentativa
[de fuga.
Meu assalto preferido.

Parcialmente intoxicada
Exonerada de efeitos adversos
Permito me tornar um recibo,
Em exumação
De qualquer interdição
Na megalomania
Desta cidade
Adrenérgica.
À entrega de minha anatomia aos fantasmas
Da madrugada,
Esta noite,
Essa será minha liturgia.
A da maquiagem borrada.
A do convite de edifícios transmutados em estátuas,

Que me instigam
a te ligar
E viver 50 noites em uma
Nesse quarto de couro,
Com meu cheiro de álcool caro,

Pelo puro prazer
De penetrar um estado de instinto
Sentindo a glória de ser
Preso por uma noite.
Portando o desejo secreto de me sentir um lixo pela manhã.

Não.
Ainda não me encontro em decomposição.
Deve ser por isto, que estou sempre descalça em
[meus sonhos.

HPP

História Patológica Pgressa

contaminada por um filme maldito
continuo sonhando andando por esses corredores de
arritmia. egoísta roubando cantos.

doutora eu mesma, meus medicamentos já foram
[expirados.
bato meu carimbo e me prescrevo um antibiótico por dia,
[até o fim da vida.

esboço de mulher
presa na vertigem do espaço-tempo.
sinapses calcificadas.

tamponamento de um coração em marcha à ré
mal tenho circulação colateral
sou jovem.
coração desenhado com x por cima
asmática, pulmão chiando
de tanto visitar sebos e inalar poeira.
doutora, socorro.

na verdade, sou adolescente para sempre.
por isso vivo em desencontro.

minutos depois (riscar minutos e escrever vidas)
grávida
por uma cúspide invasiva
fase latente do parto.

colo não apagado, sem sinal de dilatação.
cid 10: Capricórnio na casa 12

gestação de décadas
Indução do período expulsivo

travessia entre Glasgow 13 e 10
doutora, advogada, eu mesma

ainda sei interpor embargos de declaração
digitalizadas
nos autos
de minha vida.
sem possibilidade de arquivamento.

o que consumir
nesta crise de ausência?
inato declínio
do convívio.

retida em lapsos de interações
discórdia das redondezas.

meu escoamento de encontro ao colapso focal.
por favor, tenha empatia desses olhares barbitúricos
que
conflagram
a
decadência.

07h29min

Hora de formatar a silhueta e
Esmaltar o cérebro.

O dia começa a me raptar.
Desmandou sua reintegração de posse

Ringue acionado.
Aguardo nosso próximo telhado
Em 21 parcelas.

Bosta de 22.06.2022

Naquela noite
Deixamos Reykjavík,
Embriagadas pelo enxofre
De suas nascentes.

os céus das 3h00min
reviravam suas rochas
ao som de Journey
que inundava o táxi.

Analisava o trajeto
Até o aeroporto,
Sonhando com
Uma cidade
Que despertaria
Sem nossa
Tatuagem sobre a neve.

a confluência
de nossos hemisférios
na encruza da
latitude que não adormece.

De retorno ao passado
Encontro a evasão deste medo
Do vir a ser.

povoar uma faixa de tempo delimitada
devolve a salvaguarda
do grau máximo de assombro
colacionado.

Gravado na enciclopédia
Dos piores desfechos,
Posso brincar com as cartas
Consciente que desse poço
Só há um único degrau para baixo.

Assim, danço com as Alices
Das eventualidades.

Juntei
Meia dúzia de livros
Oito mudas de roupas
Quatro botas.
Minhas pílulas e maquiagens.

Adeus Alice
peguei um canto em Nova York.
Experimento o delito
De viver para viver
Minha fundação.

Jantarei meu egoísmo
Na esquina da Madison com
Minha liberdade

Quinta vez na cidade.
Um mês.
É tudo que eu peço.

escondida no canto do armário,

afogo meu pulmão como um nadador sem cabeça.

assim,

sonego a realidade na tentativa
de pertencer ao presente.

meu corpo inala sem autoridade,
a corrente de espasmos afobados ejetando recortes.

não sabia como berrava
meu
cinema mudo.

impressora em pane,
que vomita a mesma página.

dificulta remodelar o rascunho da vida,
malditos os resquícios
printados na tela do fundo do olho.

e assim
em algum momento de fevereiro;
11 de setembro;
15 de janeiro
Meus eternos segundos,

No palco de sua entidade;
Tornaram-se livres de quebrantos.

Reservei-te meu útero,
As placas que cobrem o meu corpo,
Para que seus dedos de guitarra
Executem o grito

de mútua euforia,

Entre seus lábios de Fábio Assunção.

Cativando minha maior profundidade.

ATO I

Seus 78% de nitrogênio
minha amônia oxidada

nossa eterna dança da cadeira

vivo em luto tropeçando até sua atmosfera.
enquanto, retira a chave do bolso. gira para o sentido
[anti-horário.

ATO II

extraí sua lente dos olhos
agora, renovado pela hipermetropia
pode me enxergar na medida de como me sente

seu delivery intermitente
sua lasanha congelada

Atesta a reativação de nossa roda da (des)fortuna
interpreto sua voz comandando minha autoestima
[microscópica
ao mesmo tempo em que sequestra meu conceito de amor
[próprio

ATO III

Beijos de assombração legitimam seu hiato.
Girou a chave novamente, desta vez para o sentido horário.

início bilateral – hiato – estadia passageira – lacuna maior
– meu apego – sua deserção.

ATO IV

Extravio de bagagem
Sala de despejo.
Retorno, mais uma vez, para a fila da alfândega com meu
[eterno visto de turista.

Encarno minha Penelope, enquanto
mastigo seus calendários de ausências inflamatórias.

Minha maior tormenta vive em saber que seu retorno, é
o prelúdio de minha nova espera. Cada vez mais longa.
Devolve minha vida já sabendo que irá retirar em
Seguida.

ATO V

POIS TOMEI UM CÁLICE , DEI GRAÇAS E VOS
ENTREGUEI. E VOCÊS TODOS BEBERAM DELE.
GRITEI: ESTE É MEU SANGUE, DERRAMADO PELO
VILIPÊNDIO DE 6 HOMENS.

TENDO DADO GRAÇAS , AS VELAS QUEBRAREI,
E DIREI: TOMAI E COMEI O PÃO QUE O DIABO
VOMITOU, ESSE FOI O MEU CORPO, QUE RESTOU
CLAUSTROFÓBICO NO MATA-BURRO DO AMOR.

FAREI ISSO, EM MEMÓRIA DE MIM

minha alma de caixa-preta.
na fila da inscrição de expectativas.
portando confidências criptografadas.

Segurei firme nas barras da janela de meu quarto
Gritos de dezembro
Fogos borravam o céu
Pareciam tocar o chão como as lágrimas de meu quinto
[andar
Fui o terremoto
Do luto prospectivo

gestando esta abdicação

de função reversa da vida,

sigo

postergada como um dever que o estudante cumpre

[domingo à noite

como uma fita rebobinada tantas vezes que o filme embaralhou.

lista de supermercado das críticas. aqui não se compra,

[mas despeja. item por item.

carrego esta mochila pesada, que cresce como um tumor

alimentado pelos meus pedidos de desculpas diários.

se denomina coadjuvante, pois bem, te digo que me

[encontro sonâmbula.

Sou a câmera lenta
Escondida por trás de uma caligrafia
Desvanecida.
Ainda sou todas de mim.
Idealizando terraços de sonhos
Para fumar estrelas
Dentro de um espaço virtual.

Passageira noctâmbula
Se confundindo
Com canções noturnas
De uma estação já extinta.
Meus olhos se partem
E fixada no prédio
Desisto de sonegar a verdade.
Estou apaixonada.
Pela
Primeira
Vez
Na
Vida

A estrada real que percorria
Suas artérias,
ecoa
uma liturgia
de noventa e um anos.

o entardecer de sua história
e o anoitecer da minha

choro, enquanto embaço
meus óculos maltratados
Pela ocupação de sua foto.

No abrigo do olfato
E em seu colo de travesseiro,

havia

Um cântico
de aconchego

Como um dialeto
Que nunca se permite morrer.

so palavras
sentimentos
na verdade

romper
varios
Carmelita
Enclausurada



Today is may 1st. It's been
1 day since we last
after I can imagine what
all days thinking this do
all years this
all places this
in hell this
museum. This
that you
y or
but r
th
b

VOMITAR
humano
~~construção~~
construção



ímia de belo e sinonímia
tornar (alguém) seu se-
nderam o traficante que ali-
2) d. oferecer suborno
3) hie. provocar incitar
(urarem a greve) = ET
fagos; persuadir
(u lado). ver lac
a aliciamento
ver lac

desembarame
mutopico
elétrico
branco p/m



Espaçoso
Mas
Hoje,
tão
Longínquo.

Deitada sobre seu manto,

suplicava por sua biografia parcelada
decorava seu perfume

Murmurou “minha santa”
Invertendo a ocupação
De seu terreno sagrado.

Imaculada
Como a santíssima Trindade
e seus agradecimentos
confeccionados por cera e fotografia.
Em um corredor de graças e dores
Extirpadas.
no instante em que virei minha cabeça,
em porte de meu gravador

de reflexos
sublinhei
nosso último relance,

foi no espelho de seus olhos lúcidos,

que reconheci

sua última tela de cinema,
projetada
na incoerência da maternidade.

Reencarne em meu útero.
Deixe-me devolver
O seu
amor sob a forma de folículos
Geracionais

Estou vazia
Como
Uma década
Expatriada

Por isso,
insisto

Transmute-se em minha filha,
E permita que dessa vez
Você me enterre.

Te renego, Belo Horizonte, meu parente indigesto.
Engulo sua atmosfera como pílulas de dessabor.
Dirijo, atravessada por meus afazeres, perante uma decisão
[interlocutória.

Seu pavimento revela cópias de mim,
batizadas pelo brilho da memória.
Encaro suas cenas, à medida que se reproduzem pela
[minha janela.

Conversamos por telepatia, eu e todas de mim, detentas
[dos metros quadrados do nosso útero de concreto.

Seus cantos esculpíram esperança, e desembocaram
desilusão. Cochicham em meu ouvido segredos que seus
prédios lacramam nessa cronologia de montanhas.

Expiro como a asmática que sou, o ar assombrado por
minhas infinitas aparições. Sou múltipla e a única
habitante de seus 330.9 km².

Velo
No banho
corpo nunca meu.

Afagado na criança assustada;
Consumida como fast food para os amores

que

Cobriram meu corpo com alcinhas
E me levaram à leilão.

Recebi minha etiqueta de objeto,
Lavrada na indignidade do cartório masculino.

Os telefonemas que nunca chegarão
O celular que não pisca
Meu folhetim
É o choro no canto do chuveiro.

Mosaico de meus estilhaços da alma, a fantasma da
[metrópole.
Via sacra de meu calvário, bordado nos azulejos dos
[banheiros.

Sento no chão de minha casa, rearranjo tal como um
dominó, as minhas visagens, enquanto deixo meu espólio
para os dedos que me puncionaram.

Da Prescrição

desfechos de uma noite em universos paralelos.

Ninguém

Disse

Nada.

Soterrada a era da sinalização.

Deveríamos consumir palavras.

o mundo fica devendo

Vira e mexe, vem à minha mente o beijo na porta do
elevador e o arrependimento de ter escondido meu cerne
na tarde que se seguiu.

Esse beijo continha anos de beijos.

Na hora errada.

Olha para trás na esquina

Eu também olhei.

Só que ainda teria olhado de volta mesmo após os sete anos.

Apareça e me deixe destilar ódio e tequila no sangue.

Permiti ser tocada
Intoxicada pela crença,
de,
quem sabe um dia,
em outro planeta,

conseguir engatinhar
até a degustação de respeito.

Faça em outra vida.

Porque nem sei mais nada sobre o eu lírico que vos dirige.

Olhares que assustam

Naquele dia, eu teria topado tudo.

Sonhei com sua pele e cheiro, ao acaso.

Nem sei mais o que habita em sua carne.

Informações perdidas e trocadas entre os sujeitos

[incorretos

Eu,teria apostado, caso queira saber.

Em qualquer

momento

TODA de mim.

Meu reino habitado pelo caos do vivido,

da

Entropia de uma vida ilusória

Mais uma vez
Fomento
a autodestruição
de uma paixão
quase adolescente,

possuindo meu corpo de 23.

Sou um semestre escolar de deslumbre.
Agora, mulher,
Transitando entre boates e fumaças de cigarro,
mantenho o roteiro
de cheque especial.
E sigo, renascida pela humilhação,
anulável em meu estado de perigo.

Assim, consagro minha nova fantasia juvenil
Embrulhada como presente para o olhar de cinismo
[do carpinteiro.

É minha a
Vida que gira
Sem conseguir se levantar do sofá cama,
Sentindo a falta de um tapa olho de criança
E seu astigmatismo.

me devolva como um dvd alugado.
esfolado nas paredes de meus ladrinhos
vermelhos.

o afeto que se fez estatuto.
esfolado nas paredes de meus ladrinhos
vermelhos.

Instituir-me em commodity.
Conceito.
Pelo flagelo de meu
Desatino nosso de cada dia.

Projetado como os sorrisos
Despertos pela candura
De um Golden Retriever

Impetuosidade de generais

Conferências de como ser uma
Boa feminista.
Pois minha luta se apropria
De sangramentos
Que corrompo.

Seus dedos compõem a trilha sonora
De meus tropeços
Em acordes de ultimatatos.

Enquanto eu,
aqueço a cama da próxima ilusão burguesa
De cabelos descoloridos.

Exausta para entrar com mais outro agravo de instrumento.

USO ORA

1. ALPRAZOLA
20mg

2- cafe
2 x coloris

Tirando
dos olhos
Saturação
alma da

IMPRESSÃO PLANTAR

OLYMPIA
198



26/07/1983

"J'ENTENDS
LES BRUITS DANS
MONDE"
Tous
ETG

DALE
A TU GUERRO
ALEGRÍA
MACARENA

TODOS
REVENIR
20/04/83
MADRID

Agosto sopra vida
Tal como um aniversariante
Assopra
Uma vela de 7 dias.

Infinita Supernova
Com sua dança da morte,
Devolva-nos sua química,
Rivalizando com as luzes das novas estrelas,
Que impiedosamente
colapsam
Sobre as hecatombes deste coliseu de calendário.

caberia arrancar-lhe um pedaço
da língua
para completar a carne que me faltava.

assegurada nas coxias de seu coração.
me fez mulher,
no ofício
de lançar brilho à sua imagem de homem.

pois fui eu que te fiz
superávit.

fez de adubo meus dividendos,
para suas conquistas dignas de ocupar

o seu lado.

estampou a mulher que nascia
em mim
com a cláusula pétrea
de seu irrevogável desamor.

continuei seu receptáculo

18 anos.
neste metrô que se recusa
a abrir sua porta pra mim.

guardo seu amor como encanto,
de impetuosidade
como uma tatuagem de namoro dos anos 2000.

através da gema desde território ,
somaram úlceras perfuradas,
no limiar da entrega.

na proximidade do nosso choque hipovolêmico,
em minha tríade da morte
apareci carregando uma coroa de hematomas
trajada com a delicadeza de um CTI de cicatrizes.

andei por essa cidade
em doze anos
de vento virado.
Minhas noites
Movidadas pelo
delirium tremens da esperança.

pela força de comunhão da praça e do vinho
nossa vida foi entrelaçada
em singletons.

seus olhos de Faber Castell
sua persona enfim transmutando minha ficção
resgataram a noiva
rejeitada
em
todos altares.
Sua palma da mão
Que me busca:
 $V_m = \Delta s / \Delta t$
ex nunc

no mesmo local de sempre,
em decúbito por cada
afeto em conta-gotas
que iluminaram meu
repertório adolescente.

a recusa de seu abraço,
ruiu em meu corpo por oito anos.

desconheci a dignidade,
e
arrolada em humilhações,
resignei-me aos adjetivos
que se dedicam às segundas, ou terceiras escolhas.

poluiu minha inocência em fraude.
desluziu meu espírito,
cultivando vegetação morta.
enfim,
despertou o conceito de reciprocidade
na altura do intocável.

profanou meu
saldo de coração,
com a maldição
de pulsar
como escassa.

fez do amor
um artigo
de luxo.

quer saber um segredo?
pelos anos de tortura emocional,
creio que nunca me sentirei válida
para ocupar
a posição
de uma mulher.

o toque de uma pele que engasga por uma década.

Nada mais suave

Que os céus

Que espreitavam uma consumação prenunciada.

apenas na gigantude de uma brecha,

nossas janelas se fazem protagonistas.

troquei minhas fichas de amor-próprio

por seus dedos,

que tentavam

compensar anos de aflições,

e desencontros,

perfumados

por nossa ânsia.

Não imaginava

que

A morte

de nossa fagulha

faleceria

por covardia de uma
Infidelidade inebriada de vontade.

Eis que do respiro de alturas,
até a profundidade dos segredos das escadas,
foi morar na porta de um elevador nosso último encostar.

Ele que
nasceu da pureza de uma adolescente;
maculou a mulher adulta,
sem pedágios,
consagra diérese sobre
esta
memória muscular afetiva

foi quando,

Esqueci-me que sou mulher nenhuma chance.

Diga a ele que se enganou em se esconder
No dia seguinte.
Eu tampouco saberia agir.

Mas aprenderia a suturar todos os retalhos,
Munida de meu fio de seda reservado para urgências.

Eu teria mudado meus planos,
Abriria mão de meu progresso emocional,
Descartaria consequências,

E
Voltaria ao tempo de revistas folheadas, e vinho do Porto
[deglutido às pressas.
Retornando a um passado-futuro.

Nesta meia-noite lavada por uma década,
em meus sonhos habitarão
a ausência de culpa,
da infidelidade SAGRADA que compartilhamos.

me derreta,
Como uma vela de sete dias
Despejando sobre minha pele
suas gotas de cera quente.

trancafiada
Em êxodo,
do dinheiro investido ,
no silêncio das compras da madrugada.

porca capitalista
latifundiária
perfeita máscara da família tradicional
mineira.

seus registros de violência,
em abuso de desautoridade,

Tipificando minha ingenuidade dos 14
Encerraram meu primeiro grau
Na sordidez de uma palavra de quatro letras.

Mas não roubaram minha inocência.
Porcos esquerdomachos.
Crescem barbas e cabelos,
Mas esquecem da
figura fragilizada que ainda habita,
perante quatro mãos
aterrorizada
costurada nas décadas.

Oração

Suplico pelo embate
de nossas placas tectônicas,
Enquanto me acomodo
Ajoelhada em enxertos de ficção
Perante a serra do curral
Nossa mãe.

AMADA.

Adulta,

Minha psicóloga pediu que eu escrevesse um texto, relatando o porquê mereço ser amada. Não consegui escrever uma linha.

Invoco o regresso para
O eco de filha.

Sentindo o tempo adormecer,
Examino as quatro paredes
Que ainda me filmam
Após tantos anos.

Deixo que me sequestrem
Com a fúria dos anos,
Na medida em que apagam minha vida adulta.

Apenas assim, retorno para o mundo dos vivos.

Cobri meu corpo
E pedi para o mar

Me mata

E assim,
Desviveram.
Grifando
O calendário, e
Gradualmente
Lhe subtraindo dias.
Décadas que permitiam comedimento.

Agora, partem
Ignorando as reticências,
Violentando o anuário,
com a impaciência de uma
criança de cinco anos.

Esperanças retidas
Na turvação dos olhos.

Afogando nossa história
Em orfandade

virei mulher
amando
na bandeja de omissões.

Sem pertencer à humanidade,
Presente em listas
De conquistas escritas nos
Guardanapos de bares de copo sujo,
Mais uma
em um tabuleiro de mulheres.

se me tocasse agora
poderia sentir
nestes pulsos finos,
o cheiro do desamor
no abrir de cada gaveta.
ele se recusa a ir embora.
é como um mofo,
que paralisa o corpo
e enjoja a mente.
Decidi não abrir mais armários.



Apertei os pequenos olhos e prometi jamais esquecer.

Fui travessada pela silhueta do medo,
a mortalidade de meus pais me roubava o ar

A única coisa que minha pequena mente
Conseguia suportar era
o repouso sobre esse
espaço triangular

nas memórias de meu ser em formação lírica .

Após mais de duas décadas
torno a observar o nosso canto sagrado,
no extremo esquerdo da catedral.
Percebo que,
Ele é maior
Que o arrepio das ressonâncias dos corais,
Que a arquitetura onipotente.

O canto sou eu e meu pai.



O escolar transportava meu embrião de mulher envolvido
[pelo som de 2002.

Enfim, celebro o calor de encostar os pés na segurança do
apartamento a fuga de minha vida recém adolescente.

Trajava um casaco felpudo cor de uva
[sob o sol,
o brilho de cinzas e mel plagiavam o castanho claro de meus
[cabelos embaraçados.
Aguardei o som do interfone esperando minha mãe abrir o
[elevador.

Olhei para o lado esquerdo

Trabalhadores em obra
que
Demoliam mais do que edificavam.

Senti uma pressão na tranca que protegia minha criança,
agora infectada pela carnalidade de um adulto maduro.

A vulgaridade desse homem portava o engenho
[violentando a menina de 12.

Vomitou

“Que gata”

Cuspia um sedento olhar rompendo a última brisa da
[infância.

Milésimos de segundos profetizaram um golpe à existência
[da menina

Prelúdio de posse sobre todos os centímetros que me
[moldaram.

urubus aniquilariam o eixo de uma vertigem
costurada por retalhos que não tapavam minha candura.

Decodifico o momento que minha infância veio a óbito.
Hora da morte: meio-dia e quarenta.

Extraviei
O absurdo daquele olhar encarnado,
Com o resplendor de um
Mar caribenho.

Olhos que atravessaram meio metro em minha direção.
Meu descarte de ofício evitou corresponder seu olhar,
Naqueles trinta e um de outubro.
Senti minha existência contemplada,
Aprisionada num olhar,
Que descartava meu passaporte
De intermediária.

Mundo
le talo
Ma
Novamente
11035 081031



MEJOR MORIR DE PIE
QUE VIVIR TODA UNA VIDA A RODILLADO
EMILIANO ZAPATA



ACADÉMICA
em Suspe

frivo de
memória



Este livro foi impresso no tamanho 14x20 centímetros,
em papel pólen bold 90 gramas,
em tipografia Sentinel, pela Formato Artes Gráficas.

Belo Horizonte, setembro de 2022.

IMPRESSO NO BRASIL | PRINTED IN BRAZIL